



Paisagem urbana e rural em S. João da Pesqueira. Evolução vivencial do território

Artur Oliveira¹

Resumo: Desde há milhares de anos que as paisagens podem ser consideradas como um repositório umbilical da presença humana, persistindo inúmeros significados e valores que expressam uma longevidade muito próxima e própria desses momentos, do seu percurso histórico. Essa longevidade é definida e caracterizada pelo tempo e período histórico de contato, podendo de certa forma serem momentos mais reduzidos ou não, quando comparados com outras paisagens de maior contato e presença humana. É neste relacionamento entre a paisagem, a sua significância e valor, o seu tempo histórico e o percurso evolutivo da presença humana, que se enquadra este trabalho. A paisagem interpretada como um palimpsesto da presença humana na conjugação com a paulatina evolução de um território, o de S. João da Pesqueira e suas especificidades.

1. Introdução

Conhecer e interpretar aquilo que somos e a nossa ligação com o meio em que estamos inseridos tem o fascínio de procurarmos informação explicativa, se possível, daquilo que hoje somos. Seremos o produto e resultado de gostos, opções e necessidades associadas ao tempo evolutivo e aos seus contextos sociais, culturais e económicos.

Abordar estes relacionamentos ao longo do processo de construção de uma paisagem, provoca a necessidade de explorar os seus conteúdos teóricos e físicos, perspetivando desde logo a paisagem como um documento histórico, repleto de vivências, contextos e materialidades.

Poderemos considerá-la como um palimpsesto resultado das várias ocupações humanas ao longo dos tempos e ela própria objeto de apropriação social, sendo encarada numa perspetiva composta de vários estratos diferenciadores da perceção e uso que teve ao longo da História “*landscape carries multiple layers of meaning*”².

1. Técnico de Património Cultural. Doutorando em Estudos do Património pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional do Porto. Colaborador do CITAR, Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes. Endereço eletrónico: a.jorge.oliveira@portugalmail.pt

2. COSGROVE, Denis E. - Social formation and symbolic landscape. [S.l.]: The University of Wisconsin Press, 1998, p.13.



Fig. 1 Pinturas rupestres da Fraga D'Aia, Paredes da Beira



Fig. 2 Dólmen de Areita, Paredes da Beira



Fig. 3 S. Salvador do Mundo, S. João da Pesqueira



Fig. 4 Casa do Cabo, S. João da Pesqueira

2. Paisagem rural e urbana

Sem querermos enunciar exaustivamente as várias perceções da paisagem, nesta interpretação dos vários estratos que a definem como todo em S. João da Pesqueira, procura-se analisar e compreender os diversos momentos que a constituem, encarando-a como resultado da dinâmica humana e que teve diferentes formas de perceção, utilidade, compreensão e valor. A história da paisagem abrangente, inclusiva e interpretativa dos vários momentos da presença humana, onde a análise arqueológica contribuirá para a solidificação dos seus contextos e justificação da sua espacialidade, como cenário de intervenção entre Homem e Natureza “*natureza e cultura têm conduzido muitos autores a diferenciar estes dois mundos (...) os que defendem a absoluta necessidade de integração destas duas componentes, preferem que a paisagem não seja decomposta*”³. Se ao território impreterivelmente associarmos marcas, distinções, elementos comuns e recentemente linhas administrativas, a paisagem será tudo? Esta paisagem abrangente que consagra diferentes perspetivas e é o resultado de vários mo-

mentos da evolução humana, desde o momento dos caçadores recolectores até à contemporaneidade, em que existem ruturas construtivas, linearidades e modulações estruturais.

Nesta leitura interpretativa da paisagem, seja ela em contexto rural ou urbano, analisam-se as diversas manifestações materiais e imateriais visíveis, o seu significado e importância ao longo da História. Contextualizam-se os vários momentos e elementos constituintes e configuradores da paisagem que num âmbito mais restrito ou alargado, mas de certa forma coesos, produziram espaços e locais. A importância das comunidades locais que configuram e moldam a paisagem, num longo processo e diálogo com os vários recursos existentes, construindo e constituindo um território em permanente vivência e dinâmica “*for geography, in fact, the personal relationship is of minor importance when compared with the collective investment of meaning in places by those who make and keep them*”⁴.

Que interpretação poderemos realizar? Na base teórico-interpretativa ou na consideração e abordagem das várias especificidades e diversidades expressas nos diversos contextos e cujo reflexo é

a contínua construção da paisagem. Estas considerações e interpretações são refletidas numa matriz relacional com os ritmos estruturais e físicos, entre homogeneidade e variedade das várias marcas nela impressas.

Como poderemos interpretar esta evolução vivencial do território? Numa relação entre o espaço natural e a cumulativa relacionalidade e crescimento dos espaços urbanos, num processo fluido de ocupar um espaço, associado a uma variedade e crescimento de uma rede de relacionamentos, onde disponibilidades, condições naturais, agentes humanos e ritmos temporais de socialização perpetuam estruturas, lugares e relacionamentos de contemporaneidade ao longo de cerca sete milénios.

Uma evolução orgânica e acumulativa em que o espírito construtivo das várias comunidades assume um carácter de quotidiano, apropriação e posse, em que “*construir*” e interagir na paisagem “*processa-se em modelos, redes, em emaranhados heterogéneos de interações constantes com essa paisagem onde ser humano, matéria e ação formam uma continuidade, constituem uma unidade*”⁵. À paisagem é atri-

buida o valor de artefacto, configuração simbólica de uma realidade social associada às relações de poder, compreendendo-se como estas relações são constituídas, onde os contextos históricos e arqueológicos, em função da riqueza documental, científica e técnica, suportam as análises e especificidades interpretativas “*au final un véritable outil de leur interprétation*”⁶.

Procura-se através dos contributos dos vários contextos, materialidades e na perspetiva da paisagem como documento histórico, expressar as diversas conformações e transformações desta paisagem numa perspetiva interpretativa e de relacionamento entre as estruturas físicas e os contextos históricos e culturais. Ela é continuamente o espaço relacional entre o Homem e Natureza, com maior ou menor intervenção, protagonismo, necessidade e uso ao longo do tempo histórico.

3. Evolução vivencial

E quais as especificidades desta paisagem de S. João da Pesqueira? Nesta interpretação da paisagem, o resultado obtido é o reflexo do quotidiano

3. MAGALHÃES, Manuela Raposo - Paisagem, perspetiva da arquitetura paisagista. Revista Philosophica. [Lisboa]: [s.n.], 29 (2007), p.108.

4. COSGROVE, Denis E. - Social formation and symbolic landscape. [S.l.]: The University of Wisconsin Press, 1998, p.13.

5. CARDOSO, João Muralha Da homogeneidade arquitetónica à variabilidade construtiva: a arqueologia da arquitetura. In Recintos Peninsulares da Pré-História Recente. Métodos Multidisciplinares de Investigação: pré-atas. Porto: Faculdade de Letras, Arqueociências 2016, p.26.

6. QUERTELET, Sylvain - La restitution visuelle des paysages de la préhistoire. Histoire des arts et archéologie. La paysage à l'épreuve de l'archéologie. [Nemours]: [s.n.] (2010), p.25.



Fig. 5 Vale do rio Torto, Ervedosa do Douro



Fig. 6 Vale de S. Martinho, Nagoselo do Douro



Fig. 7 Vale do rio Douro em Roriz, Ervedosa do Douro



Fig. 8 Ferradosa, Vale de Figueira

de investigação, registo, análise e tratamento de informação sempre associada às materialidades e imaterialidades dos lugares, espaços e sítios. É uma percepção global das várias estruturas que a compõem e caracterizam, evidenciando-se os diversos níveis de ocupação, povoamento, apropriação, conformação e construção visual, identitária e, recentemente, de marca da paisagem.

Esta interdisciplinaridade e abrangência técnica é em si mesma produto da expressividade e composição da paisagem, que como procuramos interpretar, é a principal composição e característica, onde as dinâmicas e os modos de apropriação, construíram marcas e significados, com diferentes graus valorativos, que a consignaram e elevaram para o seu principal suporte físico, social, cultural e identitário de território composto de culturas, valores e de simbioses com o espaço natural, traço físico e geográfico que atualmente assume a significância de valor, aproximação e identidade cultural “*considerando transformações materiais (...) e também da cultura não material (...) a cultura é determinada e determinante das práticas humanas (...) a paisagem sempre é humana*”⁷.

7. TOGASHI, Henrique Furstenau - Interpretação da paisagem: uma tarefa interdisciplinar. Cuadernos de Geografía. [Bogotá]: Revista Colombiana de Geografía. 18 (2009), p.74 e 79.

Quando a percorremos ao longo do ano, analisamos os ciclos naturais e os contextos de contato com as marcas da evolução humana, é perceptível uma relacionalidade concreta em que ao percurso inicial da necessidade será conjugada uma valorização de território do poder, culminando na alegoria, memória e procura de identidade e diferença por parte dos atuais construtores da paisagem. A construção desta paisagem histórica como resultado das diversas visões, percepções, apropriações “*e pelas peculiaridades culturais, sociais, filosóficas e estéticas*”⁸ ao longo de um percurso histórico e do qual resultaram legados, marcas, contextos, realidades... aquilo que no fundo se é e foi conjugando numa estreita relação entre Homem/Natureza.

O conhecimento da paisagem procura evidenciar as vivências que as diferentes comunidades exerceram e que se foram perpetuando, conformando e transformando... e esta interpretação “*arqueológica da paisagem*” procura analisar, interpretar e conhecer este legado temporal indissociável da própria comunhão vivencial e quotidiano de construtores e gestores da próxima paisagem.

8. FERREIRA, Luciana - Natureza, Paisagem, Geografia e Arte: complexas relações e desdobramentos no tempo e no espaço. [S.l.:s.n.], p.4.

Ao pertencermos a esta realidade e a ela estarmos associados, transmitimos esse conhecimento resultado do contato, procura, investigação e participação, para além das várias percepções de paisagem associadas ao longo do tempo pela atual comunidade, em que o vínculo, vivências individuais e coletivas efetivam esta representação alargada, integradora e identitária da paisagem.

Este sinónimo de pertença ao espírito do lugar reflete-se, teoricamente, no resultado desta nossa interpretação da paisagem histórica, nomeadamente quando a percorremos, visitamos ou procuramos marcas, significados e valores. Quando se estabelece uma rede local de contactos e interlocutores que nos transmitem a sua vivência e testemunho pessoal de espaços e lugares, quando esperamos pelo momento indicado para a recolha de informação associada ao mundo agrícola e a toda a arquitetura vernacular associada à paisagem. Quando se pretende realizar um registo, levantamento ou recolha fotográfica e sabemos quem tem a chave de acesso a um espaço ou monumento e guarda uma riqueza de histórias que não estão documentadas ou aguardamos pela melhor época para percorrer o espaço natural e por vezes condicionados pela orografia e extremos climáticos, quando procuramos decifrar as marcas da paisagem e os rótulos e marketing a ela associados.

Assim, pretende-se conhecer e interpretar as porções, sinais e marcas inscritas na paisagem, contemplando-a como documento histórico que não é solúvel no tempo, proporciona e congrega inúmeras soluções e capacidades de relacionamento com o espaço natural e é uma marca modelada pelo Homem desde à cerca 7000 mil anos, assumindo-se como paisagem cultural e continuo espaço de vínculo e condição com as futuras comunidades “*landscapes are the arena for all of a community's activities (...) they are the milieu in which those populations survive and sustain themselves (...) landscapes are dynamic constructions*”⁹.

4. Especificidades e interdependências

E que marcas são essas que foram impressas ao longo do tempo? Que marcas possui, e que vicissitudes existem, nesta paisagem? Que relacionamento existe com a paisagem, num sentido integrador, social e cultural? Qual a sua evolução vivencial?

Do contato entre Homem e Natureza resulta toda uma diversidade de expressões e marcas materiais

9. ANSCHUETZ, Kurt F.; [et al.] - An Archaeology of Landscapes: perspectives and directions. Journal of Archaeological Research. [S.l.:s.n.], 9, (2) (2001), p.161.

e imateriais que no contexto temporal das várias épocas e momentos históricos e no caráter de apropriação da paisagem em cada período histórico resultou, como referenciamos, a contínua e linear construção a paisagem histórica. A sua consistência é o reflexo do prolongamento de determinados períodos da História, em que a durabilidade e os contextos a eles associados, determinaram a especificidade, composição e estruturação da atual paisagem.

Esta observação, interpretação e análise comprova, e sobretudo evidencia a constante transformação desta paisagem desde as primeiras presenças humanas do período da Pré-história, em que se procura estabelecer um conjunto de laços de proximidade com o caráter natural, associado à própria necessidade de sobrevivência e à capacidade de gestão dos recursos fornecidos e disponíveis no meio físico, aos vários momentos, sejam eles mais curtos, prolongados ou de transição, em que a paisagem será determinante para a fixação destas comunidades, sendo sucessivamente encarada como território. Este poderá ser visto na aceção do poder e do estatuto como território, seja na aceção do poder e do estatuto, como território económico em que a propriedade, o regime de exploração e o caráter comercial e agrícola, vincam a memória e a sua especificidade, enquadrada no contexto espacial, histórico e cultural do Douro.

As camadas arqueológicas constituintes da paisagem de S. João da Pesqueira evidenciam um percurso in illo tempore em que a paisagem milenar será sucessivamente associada e caracterizada ao sinónimo de pertença e prolongamento da vivência humana. As várias comunidades procuraram estabelecer diferentes contatos de apropriação dos recursos existentes, reflexo também das necessidades e tecnologias existentes e conhecidas, conseguindo-se vários regimes de estruturação da paisagem, assumindo-se a sua proximidade e relacionamento com o caráter rural, base económica, social e, recentemente cultural, que definirá a sua fixação, povoamento e estabelecimento de marcas e patrimónios “*de que forma a experiência humana deixa a sua marca num espaço? Ou de que*

forma uma paisagem guarda as memórias de uma determinada comunidade?”¹⁰.

Todas estas camadas estão associadas aos vários momentos da História, aos ciclos, mudanças e períodos da evolução humana, e também ao percurso, influências e contatos que se foram estabelecendo no território do Douro, em que S. João da Pesqueira foi desempenhando e assumindo diferentes graus de protagonismo, relacionamento e estruturação da sua paisagem histórica. Ela própria reflexo dos contextos enunciados e dos quais não se dissocia, mas também será interpretada como um espelho cumulativo de opções, gostos e contextos próprios da sua realidade e do contínuo relacionamento e dependência com a paisagem rural, onde se foram estabelecendo interdependências no computo da sua composição urbana, uma conjugação de proximidade e relacionamento mútuo, evidenciando-se a contemporaneidade desta transformação e relacionamento milenar.

As marcas existentes na textura e composição da paisagem histórica transmitem diferentes formas de apropriação da realidade. Conjugando a disponibilidade de recursos, as diversas tecnologias e conhecimento existente, resultou todo um mosaico patrimonial que compreende diferentes escalas, localizações, ambiências, finalidades, uso e técnicas construtivas diversificadas, especificidades na inserção na paisagem seja ela urbana ou rural, espaços isolados, imaterialidades associadas. Um compósito à escala da paisagem, ela própria espaço simbólico de inúmeros ritmos, graus de perceção e uso “*a temporalidade da paisagem com elementos materializáveis e a dimensão imaterial ou simbólica, a memória social (...) espaço e tempo, que ajudam a caracterizar determinadas comunidades, num determinado espaço de tempo*”¹¹.

10. VIEIRA, Alexandra Maria Ferreira - Contributo para o estudo dos vestígios arqueológicos. Do VI ao I milénio a.c. Paisagens e memórias na Bacia hidrográfica do Douro. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada na Universidade do Porto, p.30 e 31.

11. VIEIRA, Alexandra Maria Ferreira - Contributo para o estudo dos vestígios arqueológicos. Do VI ao I milénio a.c. Paisagens e memórias na Bacia hidrográfica do Douro. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada na Universidade do Porto, p.31 e 39.

Esta composição material e imaterial compreende diversas tipologias e categorias patrimoniais, em que a espacialidade e contexto identificam e evidenciam a cumulatividade da paisagem histórica. Os vários patrimónios serão a conjugação interpretativa desta paisagem histórica, elementos e marcas que a compõem, definem e estruturam, em que se por um lado serão património característico de períodos da História com similitudes e características de atuais territórios vizinhos, noutra perspetiva, evidenciam momentos, aspetos, realidades próprias e vinculativas da paisagem, da história de S. João da Pesqueira. Estas vicissitudes e marcas de diferença, existência e relacionamento com a paisagem, constituem as particularidades desta paisagem histórica, a especificidade estrutural das várias camadas arqueológicas que a constituem “*the progress from nature to culture is the progress of society from innocence to experience, from free sharing to individual acquisition (...) and a return to the wilderness of untamed nature*”¹².

Em suma, uma paisagem histórica com um percurso cumulativo, social e cultural, evoluindo da perceção da paisagem milenar à paisagem cultural contemporânea, numa eterna interdependência entre rural e urbano, em que os vários protagonistas constroem, vivem e vinculam a sua realidade: “*landscapes (...) are in fact constantly in motion. It also indicates that landscape management is always the work of people*”¹³.

Referências bibliográficas

ANSCHUETZ, Kurt F.; [et al.] - An Archaeology of Landscapes: perspectives and directions. Journal of Archaeological Research. [S.l.:s.n.], 9, (2) (2001), p.157 a 211.

CARDOSO, João Muralha - Da homogeneidade arquitetónica à variabilidade construtiva: a arqueologia da arquitetura. In Recintos Peninsulares da

12. COSGROVE, Denis E. - Social formation and symbolic landscape. [S.l.]: The University of Wisconsin Press, 1998, p.67.

13. RENES, H. - Historic landscapes without History? A reconsideration of the concept of traditional landscapes. Rural Landscapes. [S.l.]: Society Environment, History. 2 (1-2) (2015), p.9.

Pré-História Recente. Métodos Multidisciplinares de Investigação: pré-atas. Porto: Faculdade de Letras, 2016.

COSGROVE, Denis E. - Social formation and symbolic landscape. [S.l.]: The University of Wisconsin Press, 1998.

FERREIRA, Luciana - Natureza, Paisagem, Geografia e Arte: complexas relações e desdobramentos no tempo e no espaço. [S.l.:s.n.], p.1 a 20.

MAGALHÃES, Manuela Raposo - Paisagem, perspetiva da arquitetura paisagista. Revista Philosophica. [Lisboa]: [s.n.], 29 (2007), p.103 a 113.

QUERTELET, Sylvain - La restitution visuelle des paysages de la préhistoire. Histoire des arts et archéologie. La paysage à l'épreuve de l'archéologie. [Nemours]: [s.n.] (2010), p.17 a 27.

RENES, H. - Historic landscapes without History? A reconsideration of the concept of traditional landscapes. Rural Landscapes. [S.l.]: Society Environment, History. 2 (1-2) (2015), p.1 a 11.

TOGASHI, Henrique Furstenau - Interpretação da paisagem: uma tarefa interdisciplinar. Cuadernos de Geografia. [Bogotá]: Revista Colombiana de Geografia. 18 (2009), p.71 a 81.

VIEIRA, Alexandra Maria Ferreira - Contributo para o estudo dos vestígios arqueológicos. Do VI ao I milénio a.c. Paisagens e memórias na Bacia hidrográfica do Douro. Porto: [s.n.], 2015. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada na Universidade do Porto.